

**PAFIC**

**PARTIDO AFRICANO DA INDEPENDÊNCIA DA GUINÉ E CABO VERDE**

**MENSAGEM À TRICONTINENTAL**

"Criar dois, três... numerosos Vietnam"

COMANDANTE ERNESTO CHE GUEVARA

Setembro 1967

Departamento do Secretariado, Informação, Cultura e  
Formação de Quadros

CRIAR DOIS,

TRÊS...

NUMEROSOS VIET-NAMS,

eis a palavra de ordem !

Passaram-se já vinte e um anos desde o fim do último conflito mundial, e diversas publicações, num grande número de idiomas, celebram o acontecimento simbolizado pela derrota do Japão. Reina uma atmosfera de optimismo aparente em numerosos sectores dissemelhantes em que o mundo está dividido.

Vinte e um anos sem guerra mundial, nos tempos que correm de confrontações supremas, de choques violentos e de mudanças bruscas, parecem um número bastante elevado. Mas sem analisar os resultados práticos desta paz, pela qual todos nós estamos dispostos a lutar ( a miséria, a degradação, a exploração cada vez maior de enormes sectores do mundo), convém que se pergunte se esta paz é real.

O propósito destas notas não é o de fazer a história dos diversos conflitos de carácter local que se sucederam desde a capitulação do Japão; nem tampouco é nossa tarefa fazer o balanço, abundante e crescente, das lutas civis que se travam no decurso destes anos de pretendida paz. Basta-nos opôr a este optimismo desmesurado os exemplos das guerras da Coreia e do Viet-Nam.

Na primeira, após anos de luta feroz, a parte norte do país foi objecto da mais terrível devastação que figura nos anais da guerra moderna; crivada de bombas; sem fábricas, sem escolas e sem hospitais; sem abrigos de espécie alguma para 10 milhões de habitantes.

Na guerra da Coreia intervieram, sob a bandeira desleal das Nações Unidas, dezenas de países sob a direcção militar dos Estados Unidos, com a participação massiva de soldados americanos, e o emprego, como carne para canhão, da população sulcoreana recrutada à força.

No campo adverso, o exército e o povo da Coreia e os voluntários da República Popular Chinesa contaram com o abastecimen-

.../

to e a assistência do aparelho militar soviético. Do lado americano, deu-se livre curso à experimentação das armas de destruição, à excepção de armas termonucleares, mas incluindo as armas bacteriológicas e químicas, a uma escala limitada.

No Viet-Nam, têm-se sucedido as acções de guerra, conduzidas pelas forças patrióticas deste país, quase sem interrupção, contra três potências imperialistas: o Japão cujo poderio deveria sofrer uma queda vertical a partir das bombas de Hirochima e de Nagasaki; a França, que recuperara deste país vencido as suas colónias indochinesas e que ignorara as promessas feitas nos momentos difíceis; os Estados Unidos nesta última etapa da luta.

Tem havido conflitos limitados em todos os continentes, se bem que no continente americano, há já muito tempo, se tenham produzido unicamente tentativas de luta de libertação e golpes de estado, até ao momento em que a Revolução Cubana soará o toque de alarme sobre a importância desta região e provocará a ira dos imperialistas, o que a obriga a defender as suas costas em Playa Giron, primeiramente, e durante a crise de Outubro, mais tarde.

Este último incidente poderia ter provocado uma guerra de proporções incalculáveis, pela confrontação entre americanos e soviéticos a propósito de Cuba.

Mas, evidentemente, o foco das contradições, neste momento, encontra-se nas terras da península indochinesa e nos países vizinhos. O Laos e o Viet-Nam estão sendo abalados por guerras civis, que deixam de as ser dada a presença, com todo o seu poderio, do imperialismo americano, transformando-se toda a zona num perigoso detonador prestes a explodir.

No Viet-Nam a confrontação ganhou características duma grande acuidade. O nosso propósito não é tampouco fazer aqui a história desta guerra. Assinalaremos apenas alguns pontos de referência.

Em 1954, após a esmagadora derrota de Dien-Bien-Phu, foram assinados os acordos de Genebra, que dividiram o país em duas zonas, estipularam a celebração de eleições num prazo de 18 meses

.../

para decidir quem deveria governar o Viet-Nam e como deveria proceder-se à reunificação do país. Os Americanos não assinaram este documento, e começaram a manobrar para substituir o imperador BAO - DAI, fantoche francês, por um homem que respondesse às suas intenções. Foi escolhido NGO DINH DIEM, cujo fim trágico - o de uma laranja espremida pelos imperialistas - é conhecido de todos.

O optimismo reinou no campo das forças populares durante os meses consecutivos à assinatura dos acordos de Genebra. Foram desmantelados no sul do país os dispositivos da luta anti-francesa e ficou-se à espera da execução do pacto. Mas os patriotas não tardaram a compreender que não haveria eleições, a não ser que os Estados Unidos se sentissem seguros de poder impôr a sua vontade às urnas, o que não podia acontecer, mesmo que eles recorressem a todas as formas de fraude de que eles detêm o segredo.

As lutas recommençaram no sul do país, e adquiriram a pouco e pouco uma maior intensidade, até ao momento actual em que o exército americano é de cerca de meio milhão de invasores, enquanto que as forças fanteoches diminuem em número e perdem totalmente a sua combatividade.

Há cerca de 2 anos os Americanos iniciaram o bombardeamento sistemático da República Democrática do Viet-Nam numa tentativa de travar a combatividade do sul e de obrigá-la a participar numa conferência a partir de uma situação de força. Os bombardeamentos foram inicialmente mais ou menos isolados e apresentavam-se sob a máscara de represálias contra pretensas provocações do Norte. Com o tempo estes bombardeamentos aumentaram de intensidade, tornaram-se metódicos, até se transformarem em uma gigantesca batida realizada por unidades aéreas nos Estados Unidos, dia após dia, com o fim de destruir o menor vestígio de civilização na região setentrional do país. Trata-se dum episódio da tristemente célebre escalada.

Os objectivos materiais do mundo yankee foram amplamente atingidos, apesar da resistência indômita das unidades anti-aé-

.../

reas do Viet-Nam, apesar dos 1.700 aviões abatidos, e apesar do auxílio do campo socialista em material de guerra.

Existe uma triste realidade: o Viet-nam, esta nação que encarna as aspirações, as esperanças de vitória de todo um mundo esquecido, o Viet-Nam encontra-se trágicamente só.

A solidariedade do mundo progressista com o povo do Viet-Nam assemelha-se à amarga ironia que significava para os gladiadores do circo romano o encorajamento da plebe. O que importa não é desejar o sucesso da vítima da agressão, mas compartilhar a sua sorte, acompanhá-la na morte ou na vitória.

Quando analisámos a solidão do povo vietnamita nós somos tomados de angústia por este comportamento ilógico da humanidade.

O imperialismo americano é culpado de agressão; os seus crimes são imensos e estendem-se pelo mundo inteiro. Isto sabemos-lo, meus senhores ! Mas são também culpados aqueles que, na hora decisiva, hesitarem em fazer do Viet-Nam uma parte inviolável do território socialista, correndo para tanto os riscos duma guerra à escala mundial, mas obrigando assim os imperialistas americanos a ponderar. E são culpados os que prosseguem uma guerra de insultos e de rasteiras, iniciada há já muito tempo pelos representantes das duas maiores potências do campo socialista.

Façamos a pergunta com o intuito de obter uma resposta honesta: o Viet-Nam está ou não isolado, fazendo todo um equilíbrio perigoso entre as duas potências em querela?

E que grandeza tem este povo ! Que estoicismo e que coragem tem este povo ! E que lição esta luta representa para o mundo!

Por muito tempo não saberemos se o Presidente Johnson pensava realizar as reformas necessárias a um povo a fim de atenuar as contradições de classe que se manifestam com uma força explosiva e cada vez com mais frequência. O que é certo é que os melhoramentos anunciados sob o título pomposo de luta pela "grande sociedade" foram ter direito ao canal de esgoto do Viet-Nam. A mais poderosa das potências imperialistas sente nas suas entranhas a perda de sangue

.../

provocada por um país pobre e atrasado e a sua fabulosa economia ressentem-se do esforço da guerra. Matar deixa de ser o mais lucrativo comércio dos monopólios. Simples armas defensivas, e não em quantidade suficiente, eis tudo o que possuem estes soldados maravilhosos, além do amor pela pátria, pela sua sociedade e uma coragem a toda a prova. Mas o imperialismo está-se enterrando no Viet-Nam, ele não encontra uma saída e ele procura desesperadamente um caminho que lhe permita iludir o perigo em que se encontra metido. Mas "os quatro pontos" do Norte e os "cinco" do Sul mantêm-se manietados tornando a confrontação mais decisiva.

Tudo parece indicar que a paz, esta paz precária, a qual foi dado este nome unicamente porque nenhum conflito mundial se produziu, está de novo em perigo de se romper por culpa duma iniciativa irreversível, inaceitável, tomada pelos americanos.

E a nós, os explorados do mundo, que missão nos cabe? Os povos dos 3 continentes observam e aprendem a sua lição no Viet-Nam. Visto que os Americanos, com a ameaça da guerra, exercem a sua chantagem sobre a humanidade, a resposta justa é de não tener a guerra. Atacar duramente e sem interrupção em cada ponta da confrontação deve ser a tática geral dos povos.

Mas, nos locais em que esta paz miserável que pesa sobre nós, tenha sido rompida, qual deve ser a nossa missão? Libertarmos-nos a todo o custo.

O panorama do mundo oferece uma grande complexidade. A tarefa da libertação tem algo a esperar dos países da velha Europa, suficientemente desenvolvidos para sentirem todas as contradições do capitalismo, mas de tal maneira fracos que eles não podem seguir a via do imperialismo ou assumir compromissos com esta via. Ali as contradições atingirão nos anos vindouros um carácter explosivo, mas os seus problemas - e, por conseguinte, a sua solução - são diferentes dos dos nossos povos dependentes e economicamente atrasados.

O campo fundamental da exploração imperialista abraça os três continentes sub-desenvolvidos: a América, a Ásia e a África. Cada país tem as características próprias, mas os continentes, no seu conjunto, apresentam-nas igualmente.

A América constitui um conjunto mais ou menos homogêneo e na quase totalidade do seu território os capitais monopolistas americanos mantêm uma primazia absoluta. Os governos fantoches, ou, no melhor dos casos, fracos e timoratos, não podem opôr-se às ordens do mestre yankee. Os americanos falharam na sua dominação política e económica e eles não podem mais avançar; qualquer que seja a mudança da situação ela pode transformar-se em recuo da sua primazia. A sua política é de conservar aquilo que já conquistaram. A linha de acção limita-se no momento actual ao emprego brutal da força para sufocar os movimentos de libertação, qualquer que seja a sua natureza.

Sob o slogan "não permitiremos uma nova Cuba" dissimula-se a possibilidade de cometer agressões sem perigo, como a perpetrada contra a República Dominicana, ou anteriormente, o massacre de Panamá, e a clara advertência de que as tropas yankees estão dispostas a servir em qualquer ponto da América em que a ordem vigente seja perturbada, metendo em perigo os interesses americanos. Esta política, beneficia duma impunidade quase absoluta; a OEA, por mais desacreditada que esteja, é uma máscara cómoda; a ONU é duma ineficácia que atinge as raias do ridículo e do trágico; os exércitos de todos os países da América estão prestes a intervir para esmagar os seus povos. Formou-se na realidade a internacional do crime e da traição.

Aliás, as burguesias autoctones perderam toda a capacidade de oposição ao imperialismo - se é que alguma vez a tiveram - e elas formam hoje a sua retaguarda. Não há outras alternativas ou revolução socialista ou caricatura da revolução.

A Ásia é um continente de características diferentes. As lutas de libertação contra uma série de poderes coloniais europeus deram como resultado o estabelecimento de governos mais ou menos progressistas, cuja evolução ulterior foi, em certos casos, a radicalização dos objectos primários da libertação nacional e, em outros casos, o retorno a posições pró-imperialistas.

.../

Do ponto de vista económico, os Estados Unidos tinham pouco a perder e muito a ganhar. As mudanças favorizam-nos; luta-se para correr com outras potências neo-colonialistas, para se penetrar em novas esferas de acção sobre o terreno económico, por vezes directamente, utilizando o Japão outras vezes.

Mas existem condições políticas especiais, sobretudo na península indochinesa, que conferem à Ásia características duma importância excepcional e que contam muito na estratégia militar global do imperialismo americano. Este estende um círculo em torno da China, através da Coreia do Sul, o Japão, o Viet-Nam do Sul e a Tailândia, pelo menos.

Esta dupla situação: um interesse estratégico tão importante como o cerco militar da República Popular da China e a ambição dos capitais yankees de penetrar nestes grandes mercados, que eles não dominam ainda, fazem que a Ásia seja um dos lugares mais explosivos do mundo actual, mau grado a aparente estabilidade que reina fora da zona vietnamita.

Pertencendo geograficamente a este continente, mas com contradições que lhe são próprias, o Médio Oriente está em plena ebulição, sem que seja possível prever as proporções que tomará esta guerra fria entre Israel, apoiado pelos imperialistas, e os países progressistas da região. É um vulcão entre os vulcões que ameaçam o mundo.

A África oferece as características dum campo quase virgem para a invasão neo-colonialista. Produziram-se mudanças que, em certa medida, obrigaram as potências neo-colonialistas a ceder as suas antigas prerrogativas de carácter absoluto. Mas quando os processos evoluem sem interrupção, ao colonialismo sucede sem violência um neo-colonialismo cujos efeitos são idênticos, no que se refere à dominação económica.

Os Estados Unidos não possuem colónias nesta região e lutam hoje para penetrar nas antigas reservas dos seus comparsas. Pode-se afirmar que a África constitui, nos planos estratégicos do

.../

imperialismo americano, uma reserva a longo tempo; os seus actuais investimentos são importantes unicamente na União Sul Africana e a sua penetração começa no Congo, na Nigéria, e em outros países, onde está ganhando forma uma viva concorrência (com características pacíficas até agora) com outras potências imperialistas.

O imperialismo não possui ainda grandes interesses a defender o seu pretensio direito de intervenção em qualquer parte do mundo onde os seus monopólios farejam bons lucros ou a existência de grandes reservas de matérias primas.

Todos estes antecedentes tornam lícito pôr-se a questão referente às possibilidades de libertação dos povos, a curto ou longo prazo.

Se nós analisamos a África veremos que se luta com uma certa intensidade nas colónias portuguesas da Guiné, de Moçambique e de Angola, com um sucesso notável na primeira, um sucesso variável nas outras duas; que se assiste ainda no Congo à luta entre os sucessores de Lumumba e os antigos cúmplices de Tshombé, luta que no momento actual parece inclinar-se a favor dos últimos, que "pacificaram" em proveito próprio uma grande parte do país, se bem que a guerra se mantenha ali ainda, em estado latente.

Na Rodésia o problema é diferente: o imperialismo britânico utilizou todos os mecanismos ao seu alcance para meter o poder nas mãos da minoria branca que detem actualmente. O conflito, segundo o ponto de vista da Inglaterra, colide com a posição oficial. Apenas acontece que esta potência, com a sua habilidade diplomática tradicional - também chamada cruamente hipocrisia - dá-se ares de mau humor às medidas adoptadas pelo governo de Ian Smith. A sua attitude astuciosa beneficia do apoio de certos países do Commonwealth que a seguem, enquanto que é atacada por uma parte dos países da África Negra, sejam eles ou não vassallos dóceis do imperialismo britânico.

Na Rodésia, a situação pode tornar-se explosiva se se cristalizarem os esforços dos patriotas negros para pegar em armas e se o movimento receber efectivamente o apoio das nações africanas

.../

vizinhas. Mas, por enquanto, todos estes problemas são discutidos em organismos tão inoperantes como a ONU, o Commonwealth ou a OUA.

Entretanto, a evolução política e social da África não deixa prever uma situação revolucionária continental. A luta de libertação contra os portugueses, devem conduzir à vitória, mas Portugal nada significa na lista dos empregados do imperialismo. As confrontações de alcance revolucionário são aquelas que põem em causa todo o aparelho imperialista, mas nem por isso devemos deixar de lutar pela libertação das três colónias portuguesas e para a radicalização das suas revoluções.

Quando as massas negras da África do Sul ou da Rodésia começarem a sua luta autenticamente revolucionária, terá começado uma nova época em África; ou quando as massas empobrecidas se lançarem à acção para arrancar das mãos das oligarquias governantes o seu direito a uma vida digna.

Até ao presente, sucederam-se os golpes de estado, por intermédio dos quais um grupo de oficiais substitui um certo grupo ou um governante que não serve mais os seus interesses de casta nem os das potências que manobram discretamente; mas não há convulsões populares. No Congo, a memória de Lumumba animou estas características que perderam a sua força no decurso dos últimos meses.

Na Ásia, como vimos, a situação é explosiva e os pontos de fricção não se encontram apenas no Viet-Nam e no Laos, onde se luta. Encontrando-se igualmente no Cambodja, onde de um momento a outro pode começar a agressão americana directa, e o mesmo para a Tailândia, a Malásia e, evidentemente, a Indonésia, onde não podemos pensar que a última palavra tenha sido proferida, mau grado a destruição do Partido Comunista deste país quando os reaccionários tomarem o poder.

E há evidentemente, o Médio Oriente.

Na América Latina, luta-se de armas na mão na Guatemala, na Colómbia, na Venezuela, na Bolívia, e os primeiros sintomas se manifestam já no Brasil. Há outros focos de resistência que surgem

.../

e se extinguem. Mas quase todos os países deste continente estão amadurecidos para uma tal luta, a qual para triunfar exige, pelo menos, a instauração de um governo de tendência socialista.

Neste continente fala-se praticamente uma única língua, salvo o caso excepcional do Brasil cujo povo pode ser compreendido pelos povos de língua espanhola, dada a similitude existentes entre as duas línguas. Há uma identidade tão grande entre as classes destes países que eles chegam a identificação de carácter "internacional americano" muito mais completa que em outros continentes. Língua, costumes, religião, o mesmo padrão, são factores que os unem. O grau e as formas de exploração são idênticos quanto aos seus efeitos tanto para os exploradores da maior parte dos países da nossa América. E a rebelião está a amadurecer a ritmo acelerado.

Podemos pôr a nós próprios a pergunta: como frutificará esta rebelião? Que forma ela tomará? Nós temos sustentado desde há muito tempo, dadas as características similares, a luta na América adquirirá, por seu lado, dimensões continentais. A América será o teatro de numerosas grandes batalhas travadas pela humanidade para a sua libertação.

No quadro desta luta de alcance continental, as lutas que se desenvolvem actualmente de uma forma activa são apenas episódios, mas elas deram já mártires que terão o seu lugar na história americana por terem dado a sua quota-parte de sangue necessário a esta etapa final da luta pela plena liberdade do homem. Neste martirológico figuram os nomes do Comandante TURCIOS LIMA, do padre CAMILO TORRES, do Comandante FABRICO QJEDA, dos Comandantes LOBATON e LUIS DE LA PUENTE UCEDA, figuras de primeiro plano dos movimentos revolucionários da Guatemala, da Colómbia, da Venezuela e do Peru.

Mas a própria mobilização activa do povo cria os seus novos dirigentes; CÉSAR MONTES e YON SOSA levantam o estandarte da luta na Guatemala, FABIO VASQUEZ e MARULANDA fazem o mesmo na Colómbia, DOUGLAS BRAVO a ocidente e AMÉRICO MARTIN nas montanhas de Bachiller dirigem as suas frentes respectivas na Venezuela.

.../

Surgirão novos focos de guerra nesses países e em outros países americanos, como já é o caso da Bolívia, e eles aumentarão cada vez mais, com toda as vicissitudes que implica a perigosa tarefa de revolucionário moderno. Muitos morrerão, vítimas dos seus erros, outros tombarão no duro combate que se aproxima; surgirão novos combatentes e novos dirigentes no calor da luta revolucionária. O povo formará a pouco e pouco os seus combatentes e os seus chefes no quadro selectivo da própria guerra; e aumentará o número de agentes yankee de repressão. Hoje, há conselheiros em todos os países onde há luta armada e o exército peruano realizou, ao que parece com sucesso, uma batida contra os revolucionários deste país, ele também aconselhado e treinado pelos yankees. Mas se os focos de guerra são dirigidos com suficiente inteligência política e militar eles tornar-se-ão inexpugnáveis, e exigirão novos envios de forças yankee. Mesmo no Peru, novas figuras, ainda não conhecidas, reorganizam a luta de guerrilha com tenacidade e firmeza. Pouco a pouco, as armas obsoletas que apenas servem para reprimir pequenos grupos armados cederão o lugar a armas modernas e os grupos de conselheiros serão substituídos por combatentes americanos, até que, num dado momento, eles se verão forçados a enviar efectivos crescentes de tropas regulares para assegurar a estabilidade relativa dum poder cujo exército nacional fantoche se desintegra sob os golpes das guerrilhas. É a via seguida pelo Viet-Nam; é o caminho que devem seguir os povos; é o caminho que seguirá a América, com a característica especial que os grupos em armas poderão formar Conselhos de Coordenação para tornar mais difícil a acção repressiva do imperialismo yankee e facilitar a sua própria causa.

A América - continente esquecido pelas últimas lutas políticas de libertação - que começa a se fazer escutar por intermédio da Tricontinental pela voz da vanguarda dos seus povos, que é a Revolução cubana, terá uma missão dum relevo muito maior: a de criar o segundo ou terceiro Viet-Nam ou o segundo e o terceiro Viet-Nam do mundo.

.../

Em definitivo, é preciso ter em conta o facto de que o imperialismo é um sistema mundial, etapa suprema do capitalismo, e que se torna necessário batê-lo numa confrontação mundial. A finalidade estratégica desta luta deve ser a destruição do imperialismo. O papel que cabe a nós, os explorados e subdesenvolvidos do mundo, é eliminar as bases de subsistência do imperialismo: os nossos países oprimidos, donde eles tiram capitais, matérias primas, técnicos e operários baratos, e para onde eles exportam novos capitais - instrumentos de dominação - armas e artigos de toda a espécie, submetendo-nos a uma dependência absoluta.

O elemento fundamental deste objectivo estratégico será então a libertação real dos nossos povos; libertação que se produzirá através da luta armada, na maioria dos casos, e que na América tomará necessariamente a característica duma Revolução socialista.

Ao encarar o problema da destruição do imperialismo é mister identificar a sua cabeça, que não é outra senão os Estados Unidos da América.

Nós devemos executar uma tarefa de carácter geral, cujo fim táctico é tirar o inimigo do seu elemento, obrigá-lo a lutar nos locais em que os seus hábitos de vida se chocam com o meio ambiente. Convém não subestimar o adversário; o soldado americano tem capacidades técnicas e é apoiado por meios duma amplitude tal que ele se torna temível. Falta-lhe essencialmente a motivação ideológica que possuem num grau muito elevado os seus mais teimosos adversários de hoje: os soldados vietnamitas. Nós podemos vencer este exército apenas na medida em que consigamos minar o seu moral. E este será minado à força de infligir a este exército derrotas e causar-lhe repetidos dissabores.

Mas este pequeno quadro de vistorias implica da parte dos povos sacrifícios imensos, sacrifícios que devem ser consentidos já hoje, à luz do dia, e que talvez serão menos dolorosos do que aqueles que teremos de consentir se nós evitarmos constantemente o combate, sempre à espera que sejam outros a tirar-nos as castanhas do fogo.

.../

É evidente que o último país que se libertará fa-lo-à provavelmente sem luta armada e os sofrimentos duma guerra longa e cruel como a que os imperialistas impõem serão poupados a este povo. Mas talvez seja impossível evitar esta luta ou as suas consequências num conflito de carácter mundial, onde se sofre de maneira igual, se não mais. Nós não podemos prever o futuro, mas nós não devemos nunca ceder à tentação cobarde de sermos o porta-bandeiras dum povo que aspira à liberdade, mas que foge à luta que ela implica e espera a vitória como uma esmola.

É absolutamente justo evitar todo o sacrifício inútil. É por esta razão que é tão importante fazer a luz sobre as possibilidades efectivas de que a América dependente dispõe para se libertar por meios pacíficos. A resposta a esta interrogação é clara para nós; o momento actual poderá ser, sim ou não, o momento indicado para desencadear a luta, mas nós não podemos alimentar qualquer ilusão, nem temos esse direito, de conquistar a liberdade sem combate. E as lutas não serão simples combates de rua, de pedras contra gases lacrimogéneos, nem de greves gerais pacíficas; e não será tampouco a luta de um povo irado que destrua em dois ou três dias o dispositivo repressivo das oligarquias dirigentes; será sim uma luta longa, sangrenta, cuja frente se encontrará nos abrigos das guerrilhas, nas cidades, nas casas dos combatentes, onde a repressão procurará vítimas fáceis entre os seus próximos, na população camponesa massacrada, nas cidades e aldeias destruídas pelo bombardeamento inimigo.

Esta luta foi-nos imposta; não nos resta outra alternativa senão prepará-la e decidimo-nos a travá-la. Os primeiros passos não serão fáceis; eles serão extremamente difíceis. Toda a capacidade de repressão, toda a capacidade de brutalidade e de demagogia das oligarquias será posta ao serviço desta causa. A nossa tarefa, nos primeiros tempos, será a de sobreviver; em seguida, produzirá os seus efeitos o exemplo contínuo da guerrilha, realizando a propaganda armada, segundo a acepção vietnamita do termo, ou seja a propaganda dos tiros, dos combates que serão ganhos ou per-

.../

didados mas que se travam contra o inimigo. O grande ensinamento da invencibilidade da guerrilha impregnará as massas dos deserdados. A galvanização do espírito nacional, a preparação para as tarefas mais duras, para resistir a mais violentas repressões; o ódio como factor de luta; o ódio intransigente ao inimigo, que impele o ser humano para além dos limites naturais e o transforma em uma máquina de matar eficaz, violenta, selectiva e fria. Assim devem ser os nossos soldados; um povo sem ódio não pode vencer um inimigo brutal.

É preciso levar a guerra até onde o inimigo a queira levar: em sua casa, nos seus lugares de diversão, é preciso fazê-la totalmente. É preciso impedi-lo de ter um minuto sequer de tranquilidade, um minuto de calma fora das suas casernas, e mesmo dentro; é preciso atacá-lo lá onde ele se encontre; que ele tenha a sensação duma fera enjaulada por toda a parte por onde ele passe. Então ele perderá a pouco e pouco o seu moral. Ele tornar-se-á ainda mais bestial, mas notar-se-ão nele os sinais de desânimo que se tornam evidentes.

E que se desenvolva um verdadeiro internacionalismo proletário, com exércitos proletários internacionais, para os quais a bandeira sob a qual se luta será a causa sagrada da redenção da humanidade, de tal maneira que morrer sob o estandarte do Viet-Nam, da Venezuela, da Guatemala, do Laos, da Guiné, da Colômbia, da Bolívia, do Brasil - para não citar senão os teatros actuais da luta armada - seja igualmente glorioso e desejável para um americano, um asiático, um africano e mesmo um europeu.

Cada gota de sangue vertida em território sob cuja bandeira não se tenha nascido é uma experiência que aquele que sobreviva recolhe para a aplicar em seguida na luta pela libertação do seu país de origem. E cada povo que se liberta é uma batalha ganha pela libertação dos povos em geral.

É já tempo de moderarmos as nossas divergências e nos metermos ao serviço da luta. Que grandes debates agitam o mundo que luta pela liberdade todos o sabemos e não o podemos dissimular. Que es-

.../

tas discussões tenham atingido um carácter e uma acuidade tais que parece extremamente difícil, se não impossível, o diálogo e a conciliação, também o sabemos. Procurar os métodos para entabular um diálogo que os adversários iludem, é uma tarefa inútil. Mas o inimigo está presente, desferindo golpes todos os dias e ameaçando-nos com novos golpes, os quais nos unirão hoje, amanhã ou depois-de-amanhã. Os que sentem esta necessidade e se preparam para esta união necessária serão objecto de gratidão dos povos. Dada a virulência e a intransigência com as quais cada ponto de vista é defendido, nós, os deserdados, não podemos tomar partido por uma ou outra forma de expressão das divergências, mesmo quando estamos de acordo com algumas posições duma ou outra parte, ou numa maior medida com as posições duma parte mais do que com as da outra. No momento da luta a forma que tomam as divergências actuais constitui uma fraqueza, mas, dado o estado das coisas querer regulá-las por meio de palavras é uma ilusão. A história pouco a pouco as eliminará ou dar-lhes-à o seu verdadeiro sentido. No nosso mundo em luta, toda a divergência que diga respeito à tática, aos métodos da acção para a obtenção de objectivos limitados, deve ser analisada com o respeito devido às opiniões alheias. Quanto ao grande objectivo estratégico, a destruição total do imperialismo pela luta, nós devemos ser intransigentes.

Resumamos assim as nossa aspirações à vitória: destruição do imperialismo pela eliminação do seu mais poderoso bastião: a dominação imperialista dos Estados Unidos da América do Norte. Adoptrar como missão tática a libertação gradual dos povos, um por um ou por grupos, obrigando o inimigo a travar uma luta difícil sobre um terreno que não é o dele; liquidando as suas bases de subsistência que são os seus territórios dependentes. Isto significa uma guerra longa. E nós repetimo-lo uma vez mais, uma guerra cruel. Que ninguém se engane no momento de a desencadear e que ninguém hesite em desencadear-la por temor das consequências que ela poderá implicar para o seu povo. É quase a única esperança de vitória.

.../

Nós não podemos permanecer surdos ao apelo do momento. O Viet-Nam ensina-no-lo com a sua lição permanente de heroísmo, a sua tragédia e a lição quotidiana de luta e morte para obter a vitória final. No Viet-Nam, os soldados do imperialismo conhecem o desconforto daqueles que, habituados ao nível de vida da nação americana, devem enfrentar uma terra hostil; a insegurança daqueles que não podem fazer um passo sem sentir que eles pisam um território inimigo; a morte daqueles que avançam para além dos redutos fortificados; a hostilidade permanente de toda a população. Tudo isso tem as suas repercussões na vida interna dos Estados Unidos, e faz seguir um factor que sapa o imperialismo em pleno vigor: a luta de classes sobre o seu próprio território.

Como poderíamos contemplar um futuro próximo e luminoso se dois, três, muitos Viet-Nam florescessem sobre a superfície do globo, com a sua quota-parte de mortos e de tragédias imensas, com o seu heroísmo quotidiano, com os seus golpes repetidos vibrados ao imperialismo, obrigando-o a dispersar as suas forças frente aos assaltos do ódio crescente dos povos do mundo ! E se nós fossemos capazes de nos unirmos todos para vibrar golpes mais duros e mais seguros, para que o apoio multilateral aos povos fosse ainda mais efectivo, como seria grande e próximo esse futuro !

Se a nós - aqueles que num pequeno ponto do mundo cumprem o dever que nós preconizamos e poêm ao serviço da luta o pouco que lhes é permitido dar : as suas vidas, o seu sacrifício - acontecer que um dia venhamos a dar o último suspiro sobre uma terra qualquer, desde agora nossa, banhada pelo nosso sangue, que se saiba que nós medimos o alcance dos nossos actos e que não nos consideramos outra coisa senão elementos do grande exército do proletariado, e nos sentimos orgulhosos das lições colhidas da Revolução cubana e do seu grande dirigente supremo, a grande lição que emana da sua atitude nesta parte do mundo: "que importam os perigos e os sacrifícios dum homem ou dum povo, quando o que está em jogo é o destino da humanidade".

.../

Toda a nossa acção é um grito de guerra contra o imperialismo e um apelo vibrante à unidade dos povos contra o grande inimigo do género humano : os Estados Unidos da América do Norte. Qualquer que seja o lugar onde a morte nos surpreenda, seja ela bem-vinda se o nosso grito de guerra poder chegar a uma orelha receptiva e se uma outra mão empunhar as nossas armas, e se outros homens se levantarem para entoar os cantos fúnebres com o crepitar das metralhadoras e novos gritos de guerra e de vitória.

Assinado: CHE